

1. Diante da obrigatoriedade de livros didáticos como material básico a ser usado em sala, optamos, pelo livro "Filosofando" de Maria Lúcia Arrambé e Maria Helena Martins publicado pela Editora Moderna. O livro se aproxima de uma abordagem temática, sem perder a perspectiva histórica, uma vez que usa autores e sistemas filosóficos da tradição para abordar os temas.

O livro também conta com trechos de textos dos próprios filósofos e sugestões de questões e debates que podem ser aproveitados em classe. As imagens que ilustram os capítulos, geralmente, são obras de arte que podem também ser usadas como instrumentos de sensibilização. Além disso, a obra apresenta, ao final de cada capítulo, sugestões de bibliografia complementar e filmes que podem abordar direta ou indiretamente, o tema estudado.

Nossa escolha se dá a fim de assumirmos - nos como um(a) profissional da educação que pensa o ensino da Filosofia para além da mera transmissão de conteúdos em ordem cronológica. Por entendermos o ensino da Filosofia como uma experiência, atira em constante auto-construção, não nos limitamos ao uso do livro didático. Ao focarmos nos temas e, sobretudo, nos problemas filosóficos precisamos fazer uso de textos dos próprios filósofos, textos não filosóficos e outros materiais, como filmes, poesia, música, arte e, ultimamente, aplicativos de celular e internet.

A decisão acerca dos materiais didáticos, portanto, depende principalmente o modo como o ou a docente entende a Filosofia e o ensino da Filosofia. Deste modo, buscamos usar em nossa prática docente instrumentos didáticos que nos permitem apresentar e debater temas e problemas filosóficos.

2- Presumir, como propôs Jacques Rancière em "O mestre ignorante", que vivemos em uma sociedade que pressupõe as desigualdades, e que para qualquer projeto emancipatório é preciso reconhecer a igualdade das inteligências. Esta abordagem nos leva diretamente ao questionamento do História e Cultura Ocidental serem inseridos nos currículos escolares como a única, única ou, por assim dizer, a vencedora. Essa lei tem sua justificativa, portanto, na conexão histórica da formação de sujeitos conscientes da diversidade cultural que compõe o pensamento filosófico desde a sua origem.

Ainda que se reconheça a função da Filosofia como aquela que promoveria a interdisciplinaridade, a reflexão crítica e os exercícios da cidadania, defendemos, tal como propuseram Deleuze e Guattari em "O que é a filosofia?", que a Filosofia é produção de conceitos. Nesse sentido, buscamos apresentar textos e outras materiais que permitam a sensibilização dos alunos para temas e problemas da filosofia afro-brasileira e indígena.

Não queremos, com isso, afirmar a necessidade de uma nova origem para a filosofia, mas de pensar nos outros lugares e nas contribuições dessas diferentes abordagens para o enriquecimento deste que pretendemos definir por Filosofia e por Racionalidade. Ao ler um texto de Lélia González, que afirma o Preto(a) como língua materna, ou um texto de Renato Albuquerque, que ~~se~~ defende a leitura da filosofia <sup>afro</sup>brasileira como antidoto para o epistemiocídio imposto pela cultura Ocidental, esperamos não apenas fazer cumprir a lei 11.465, mas também fazer com que se discuta a possibilidade de uma filosofia brasileira.  
A necessidade



3- A máxima kantiana afirma que não é possível aprender qualquer filosofia, somente se aprende a filosofar. Este modo de pensar o ensino e aprendizagem da Filosofia sugere uma crítica tanto ao aluno quanto ao professor, como transmissor de conteúdos nos alunos que nada sabe, quanto à perspectiva que vê a filosofia como mais uma disciplina histórica-curricular. Trata-se, portanto, de uma afirmação da filosofia como prática, como experiência ativa de e entre sujeitos interessados no saber por ele mesmo.

Historicamente, como vemos no texto "Ensino de Filosofia: avaliação e materiais didáticos" de Silvio Gallo, a filosofia foi defendida basicamente pelo seu caráter instrumental. Ou seja, por servir a um fim determinado ou contribuir para isso de algum modo. No caso brasileiro, desde a implementação da LDB (Lei nº 9.394/96) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, a Filosofia tem sua justificativa ~~em~~ em três eixos: 1- visão crítica do mundo, 2- visão interdisciplinar e 3- conhecimentos fundamentais ao exercício da cidadania. Essa visão instrumental da Filosofia serviu para assegurar a permanência da disciplina nos currículos do Ensino Médio Nacional. Todavia, é preciso reconhecer que, enquanto experiência de pensamento, a filosofia não pode e não deveria manter qualquer compromisso com caráter utilitarista sobre seu ensino.

Deste modo, devemos voltar ao conceito mesmo de "filosofia" como amor ao saber, a fim de reaproximar professor, aluno e filosofia disso que entendemos por filosofar, isto é, a reflexão prática. Esta atividade exige que nos coloquemos frente ao problema iluminista do ser.

do por Kant no texto "O que é o Esclarecimento?". Quando o filósofo se situa em um contexto de uma sociedade em vias de esclarecimento, mas ainda não esclarecida, que deseja alcançar a saída da menoridade da razão por meio da autonomia. Ou seja, Kant aponta na ação reflexiva do sujeito sem qualquer tipo de tutela.

Entendemos essa reflexão kantiana como uma abertura na perspectiva da filosofia como problema. A partir desta perspectiva, a filosofia é vista como uma ação, como uma atividade que se organiza em torno daquilo que ela possibilita, o saber o(s) problema(s). Trata-se menos de transmitir autores e sistemas filosóficos em ordem cronológica, e mais de construir, junto com o aluno, o desenvolvimento do conceito a partir de um problema.

Essa concepção de filosofia e, sobretudo, da aprendizagem da filosofia nos impede de realizar apenas avaliações clássicas que medem o grau de assimilação de conteúdos dados. Por isso, faz-se necessário "avaliar em que medida o discente foi ou não capaz de aproximar-se da experiência do pensamento conceitual" (Gallo, *Ensino de filosofia: avaliação e materiais didáticos*, p. 169). Se ele foi capaz de identificar o problema, entender e recriar o conceito produzido por um filósofo ou filósofos, e se foi capaz de apresentar seus movimentos de pensamento por meio de um texto ou outro material de natureza filosófica.

Tal método avaliativo sugere ao educador apenas um direcionamento para o seu trabalho. Na concepção da filosofia como problema, como atividade crítica-reflexiva, não há fórmulas prontas, pois o docente "precisa criar mecanismos próprios que lhe permitam perceber o desenvolvimento dos estudantes, podendo intervir para o seu aprimoramento, uma vez que este é o único sentido aceitável para um processo de avaliação" (idem).